

# Expressões político-digitais de coletivos feministas no Instagram<sup>1</sup>

## Political and digital expressions of feminist collectives on Instagram

**Rayza Sarmiento**

*Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Gênero, Comunicação, Democracia e Sociedade (GCODES-CNPq). Pesquisadora associada ao MARGEM-UFMG e ao INCT-DD. Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Belém (PA), Brasil.*

### Introdução

Coletivos (ou coletivas) feministas são uma forma de organização cada vez mais presente no ativismo nacional. Eles são marcados por três elementos principais: a juventude de suas participantes, cada vez mais identificadas como jovens feministas; a crítica e o enfrentamento interseccional às diferentes desigualdades de gênero nas interações cotidianas e instituições sociopolíticas; e a atuação e produção de conteúdo no ambiente digital. Tais elementos se conjugam nesse tipo de ativismo a partir de denúncias,

---

<sup>1</sup> Este texto faz parte da pesquisa “*Feminismos, política e internet*” financiada pelo Edital Universal Fapemig entre 2018-2021 (02821-18) e da pesquisa interinstitucional financiada pelo Edital Universal do CNPq (423218/2018-2). Sou grata às discentes de graduação do projeto, Julia Evelyn Santos e Luciana Correa, por colaborarem no levantamento dos dados empíricos quando bolsistas de iniciação científica (CNPq e Fapemig, respectivamente).

resistências e enfrentamentos diversos no interior desses grupos mais fluidos, mas se somam, para além deles, às demais lutas feministas.

Essa forma de atuação coletiva, não circunscrita apenas às reivindicações feministas, tem utilizado as mídias digitais de forma recorrente para exposição pública de sua atuação, mobilização para eventos e construção de informação acerca de temas e pautas tangentes ao feminismo. Este texto busca discutir as expressões digitais de coletivos feministas nacionais, apoiado na análise quanti-qualitativa de publicações na plataforma Instagram e em entrevistas com participantes dessas organizações, em especial aquelas que atuam em espaços estudantis, os quais concentram vários desses coletivos. Entendemos que a discussão sobre os usos ativistas acerca das mídias digitais é parte importante para compreender a centralidade das arenas online nas democracias contemporâneas.

Na primeira parte do texto, discutimos as dinâmicas atuais dos feminismos, atravessados pelas novas configurações de luta, com atenção especial para a dimensão geracional e a atuação online no cenário de regressão democrática. Na segunda parte, apresentamos nossos apontamentos metodológicos, informando a escolha pelo Instagram como uma plataforma de coleta. Por fim, discutimos nossos achados sobre as expressões online desses grupos feministas.

### **Feminismos em coletivo**

Nas democracias contemporâneas, os ativismos têm sido marcados por lógicas e formas de organização que se autodenominam mais horizontais e reivindicam demandas pluralizadas de inclusão. Os coletivos (ou coletivas) estão entre essas articulações espraiadas em diferentes regiões do país e construídas em vários contextos. O balanço de literatura recente sobre movimentos sociais realizado por Szwako e colaboradores (2020) revela que os estudos sobre coletivos, embora ainda em menor número, têm emergido na produção das Ciências Sociais.

Os coletivos estão no interior de partidos políticos (especialmente, de esquerda), nos ambientes universitários e escolares, nas dinâmicas da produção cultural e da economia solidária, nos ativismos de bairro, dentre outros espaços. O termo, conforme demonstram Guimarães et. al. (2020), já circula na ação coletiva brasileira há algumas décadas, mas retornou com força após junho de 2013 (GOHN, 2014; PEREZ e FILHO, 2017), e por isso Marques e Marx (2020) defendem que os entendamos como "coletivos contemporâneos".

O conjunto recente de pesquisas sobre essas experiências (PEREZ e RICOLDI, 2019; PEREZ e FILHO, 2017; GUIMARÃES et.al., 2020; GOHN, 2014; MARQUES e MARX, 2020) tem apontado, sobretudo a partir de observações empíricas, que atuar em coletivo é (a) compartilhar uma forma de organização marcada pela recusa a estratégias hierárquicas de organização, a partir de uma (b) composição feita majoritariamente por jovens, apresentando (c) descontentamento com o sistema político formal e suas instituições, (d) com forte amparo em grupos de estudos (e) e recusa discursiva por lideranças, mas grande aposta em mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ como as "pessoas de referência" desses grupos. Esse conjunto de estudos supracitado diagnostica, em uma diversidade temática e regional de coletivos, o (f) investimento na atuação online também como uma característica forte. Em pesquisa anterior voltada para a forma como as mídias digitais são decisivas para a construção dos coletivos feministas (SARMENTO, 2023, no prelo), apresentamos como as dinâmicas online impactam desde a organização dos grupos até os processos de conscientização "despertados" pelos conteúdos feministas disponíveis em sites, blogs, perfis de redes sociais diversas.

Particularmente aos feminismos, os coletivos expressam resistência às formas desiguais às quais as mulheres, em sua diversidade, estão submetidas em diferentes espaços, todavia com atenção bastante voltada às interações cotidianas. Perez e Ricoldi (2019) defendem, a partir da periodização do feminismo em ondas, que a construção dos feminismos em coletivos é um dos fatores para a compreensão da quarta onda, junto da centralidade da internet e da discussão interseccional no feminismo brasileiro, conforme já presente na discussão de Matos (2009).

No interior dos partidos, os coletivos denunciam exclusões a que mulheres são submetidas nas atividades políticas, especialmente em espaços de direção; nas universidades, se mobilizam acerca de dimensões curriculares e de violações de direitos; nos bairros e contextos urbanos, conectam demandas locais e particulares de cidades e regiões a pautas mais amplas do feminismo, como o trabalho doméstico e a violência. Uma marca visível é a construção mais pluralizada no tangente à raça, com forte recusa à construção centrada na branquitude. Para além da diversificação racial, Marques e Marx (2020, p. 14) ressaltam a confluência de pautas diversas no que denominam de um "caráter interseccional permanente".

O componente geracional também é outra característica importante na compreensão dos coletivos. Embora tenham disputado a existência como sujeitos políticos do feminismo há algumas décadas (ADRIÃO,

TONELI e MALUF, 2011; GONÇALVES e PINTO, 2011), as jovens feministas são agentes principais dessas conformações mais contemporâneas. Não surpreende que boa parte dos estudos sobre coletivos ateste que os ambientes escolares e universitários concentram essas "novas experiências organizacionais" (GOHN, PENTEADO e MARQUES, 2020). Larrondo e Ponce (2019), em um apanhado sobre as configurações recentes do feminismo latino-americano, também se coadunam com tal análise, ao sustentarem que

(...) es innegable que uno de los fenómenos que llama más la atención y con la cual se caracteriza a esta nueva visibilidad del feminismo es el carácter joven de las mujeres y disidencias que se están sumando masivamente a participar y, en paralelo, de cómo las problemáticas de género atraviesan y adquieren un primer plano en agrupaciones y causas juveniles donde antes no necesariamente tenían una presencia fuerte. Esto ha sido muy claro, por ejemplo, en la importancia y preminencia que van adquiriendo las comisiones de género en las juventudes políticas, en los centros de estudiantes, en espacios sindicales, entre otros. En síntesis, la multiplicación de la participación de lxs jóvenes es la razón por la cual algunas autoras (Peker, 2019) han llamado a este fenómeno "revolución de las hijas" (LARRONDO & PONCE, 2019, p. 28)

Nossa discussão se ancora, assim, na confluência entre a emergência dos coletivos e a discussão geracional dos feminismos vivenciados em uma sociedade marcada pela hiperconexão. Em trabalho anterior desta mesma pesquisa (SARMENTO e SANTOS, 2023), nos debruçamos sobre como as experiências de jovens feministas, em seus momentos de encontro com as reivindicações, os símbolos e a própria existência do movimento, são atravessadas pelas redes digitais. A "descoberta" do feminismo frequentemente foi citada ao lado de páginas de Instagram, Facebook, "fios" do Twitter e declarações públicas de celebridades. Esses achados se aproximam dos estudos feministas de mídia realizados em contextos diferentes do Brasil, especialmente eurocentrados, sobre as formas contemporâneas de popularização do feminismo a partir de produtos e plataformas (BANET-WEISER, 2018; KELLER e RINGROSE, 2015; SARMENTO, 2022).

Nos casos mais próximos, na América Latina, a atuação das feministas universitárias e suas articulações digitais também têm sido estudadas para compreensão dos repertórios atuais dos feminismos na região (LARRONDO e PONCE, 2019): por exemplo, nos trabalhos de González (2021) e Cerna (2020) sobre o México, elas são apontadas como atrizes importantes para revitalização dos feminismos, com incidência para além dos ambientes digitais. Ao cartografarmos o ativismo feminista online no Brasil, também sustentamos (SARMENTO, 2021) que as jovens feministas atuam junto às demais mulheres, pelo menos, em cinco grandes frentes: a) discutindo e enfrentando a arquitetura androcentrada das redes online; b) construindo redes de informação e contranarrativa; c) participando de grupos de engajamento e

solidariedade; d) realizando campanhas visibilizadas principalmente a partir de hashtags; e e) atuando no combate à violência digital de gênero.

Neste artigo buscamos compreender quais são as temáticas mais frequentes visibilizadas pelos coletivos feministas no Instagram, observando assim sua expressão no ativismo digital. Além disso, também investigamos como as próprias ativistas em coletivo descrevem seus usos da plataforma, objetivos e desafios.

### **Breves apontamentos metodológicos**

Nosso movimento metodológico começa com uma busca, a partir de perfil específico da pesquisa, por páginas no Instagram que se autodenominavam "coletivos feministas", com o total de 54 perfis encontrados. Durante dois meses, entre outubro e novembro de 2020, realizamos acompanhamento periódico dessas páginas, construindo um caderno de campo com notas sobre assuntos, atrizes e imagens que emergiram. Posteriormente, um banco de dados com todas as postagens de todos os coletivos, até março de 2021, foi construído a partir de coleta automatizada. Para a discussão realizada a seguir, foram escolhidas as dez postagens mais recentes de cada página, a fim de realizar um panorama sobre os temas e as formas de abordagem dos conteúdos criados pelos coletivos, com a análise de 495 postagens no *feed*. Realizamos uma análise de temáticas a fim de compreender a recorrência das pautas mobilizadas pelos coletivos via Instagram, e evocamos também a discussão das entrevistas realizadas. A análise de temática adotou parcialmente as técnicas da análise de conteúdo (SAMPAIO e LYCARIÃO, 2021), com lista prévia de pautas clássicas baseada na literatura feminista, junto também da atenção às possíveis emergências de assuntos. Duas estudantes de graduação realizaram a codificação em momentos distintos, e a presente autora fez a revisão e a checagem final.

Além do acompanhamento dos perfis, foram entrevistadas, ainda, entre outubro de 2020 e abril de 2021, 30 mulheres (de forma individual ou em grupo) que se vinculavam diretamente a coletivos feministas universitários e/ou estudantis, das cinco regiões do país. As mulheres têm entre 15 e 25 anos (com a devida autorização legal) e são de maioria branca e de instituições de ensino públicas e privadas<sup>2</sup>. As entrevistas foram realizadas de forma online, com caráter semiestruturado, e integravam uma pesquisa

---

<sup>2</sup> A coleta automatizada foi possível a partir de João Guilherme Santos, por meio do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFRJ sob o registro CAAE 23335119.7.0000.5153.

mais ampliada, voltada para compreender como se configuravam as trajetórias de jovens ativistas e a sua relação com a internet em meio à hiperconexão. Mobilizamos as entrevistas neste texto a fim de explorar como as próprias feministas em coletivos descrevem os usos do Instagram como plataforma para o ativismo político.

A escolha pelo Instagram como essa forma de "encontro" com as atrizes e grupos da pesquisa se dá pelo uso crescente no país de tal rede social, para além de perfis individuais. Líderes políticos, organizações da sociedade civil, instituições do Estado, bem como diferentes atores do mercado, sobretudo, têm utilizado frequentemente a plataforma (SELVA-RUIZ e CARO-CASTAÑO, 2017).

Tarullo (2021) evidencia como os estudos sobre Instagram ainda são realizados em menor escala se comparado com redes como Facebook e Twitter, mas passa a ser considerado em função do aumento do número de usuários em países da América Latina, como a Argentina e o Brasil. Processos de socialização, campanha política, circulação de notícias, mobilização ativista e vendas de produtos são algumas das dinâmicas possíveis de serem observadas, segundo a pesquisadora (TARULLO, 2021; TARULLO e SAMPIETRO, 2022), na rede que tem como principal característica a imagem, estática ou em movimento (FILIMINOV et. al., 2016). Ao se voltarem para o feminismo peruano via hashtags no Instagram, Dall'Orso-Swayne e Arbaiza (2021, p. 133) discutem como, "al ser una red social visual, la respuesta generalmente conecta con una emotividad más auténtica ante imágenes que son más exclamaciones de vivencias que simple recolección de recuerdos".

Na prática ativista feminista, os recursos visuais do Instagram se mostram ainda mais fundamentais, seja pela cobertura em tempo real de eventos (como marchas, atos), a chamada "documentação" das mobilizações por meio de hashtags, seja pela exploração de elementos imagéticos que compõem a simbologia feminista (tais como o espelho de vênus, a cor lilás, os lenços verdes, dentre outros). Dall'Orso-Swayne e Arbaiza (2021, p. 134) usam a metáfora de um grande "grafite coletivo digital" para falar destas práticas que não se apresentam de forma necessariamente coordenada, mas estão em diálogo com reivindicações e dimensões visuais próximas.

### **Os coletivos feministas no Instagram**

A expressão digital dos coletivos no Instagram se ancora na produção de conteúdo informativo sobre uma diversidade de temas (conforme frequências a seguir), mobilizações para eventos, denúncias e

repercussão de acontecimentos factuais, sobretudo políticos. Os coletivos coletados a partir do Instagram estão localizados em maior número na região Sudeste e se vinculam a ambientes estudantis, partidos e setor cultural. Em seus nomes, ressaltam-se a homenagem à presença de mulheres brasileiras de reconhecimento nacional (Leila Diniz, Pagu, Dandara, Marielle Franco), autoras feministas (Angela Davis) e a reiteração do nome de Bertha Lutz, reconhecida na luta pelo sufrágio feminino no Brasil.

**Tabela 1: Categorias temáticas das postagens no Instagram**

<b>Categorias temáticas</b>	<b>N.de post</b>	<b>Frequência(%)</b>
<b>Post sem temática definida/outros</b>	<b>82</b>	<b>16,57%</b>
<b>Violência</b>	<b>77</b>	<b>15,56%</b>
<b>Arte</b>	<b>39</b>	<b>7,88%</b>
<b>Política geral</b>	<b>36</b>	<b>7,27%</b>
<b>Raça</b>	<b>34</b>	<b>6,87%</b>
<b>Vertentes e teorias feministas</b>	<b>34</b>	<b>6,87%</b>
Saúde	31	6,26%
Participação política	29	5,86%
Classe	28	5,66%
Sexualidade	24	4,85%
Posts de homenagem	22	4,44%
Aborto e direitos reprodutivos	15	3,03%
Padrões de beleza	12	2,42%
Educação	10	2,02%
Maternidade	07	1,41%
Meio ambiente	05	1,01%
Saúde	04	0,81%
Homens e feminismo	02	0,40%
Mídia	02	0,40%
Pornografia	02	0,40%
<b>TOTAL</b>	<b>495</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Quando observamos os temas das publicações (Tabela 1), a violência emerge de forma reiterada, seguida de postagens específicas sobre arte, política geral, raça e vertentes/teorias feministas. O número acentuado de textos/imagens classificados como "sem temática definida ou outros" se dá pelo conjunto de posts sobre eventos (como 8 de março), memórias de eventos (a partir da hashtag #tbt), bem como sobre a rotina dos coletivos, aniversários e "vaquinhas virtuais".

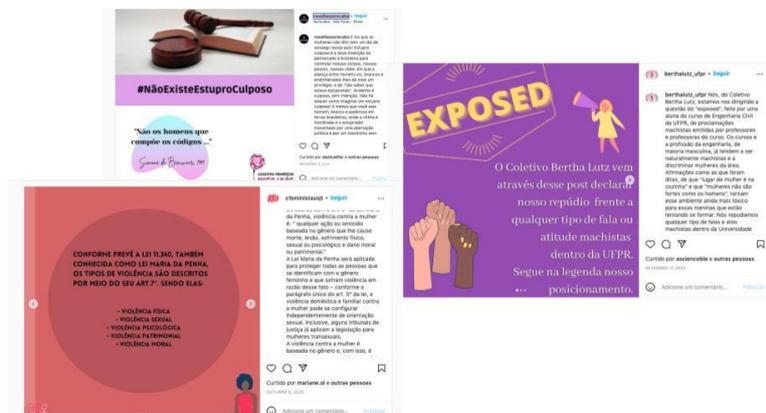
Gostaríamos de concentrar nossa discussão qualitativa das postagens especialmente nos conteúdos sobre violência e na mobilização de correntes teóricas pelos coletivos. Escolhemos focar a análise nesses dois tipos de conteúdo por entender que eles sinalizam dois processos interessantes desse ativismo. O primeiro é a necessidade/urgência de continuar trabalhando com uma pauta histórica; o segundo diz respeito à forma contemporânea de incorporação de teorias feministas na atuação pública. Assim, os usos do Instagram nesses dois temas refletem a alternância entre dinâmicas clássicas e recentes do ativismo feminista.

Apesar dessa delimitação prévia de focar nos temas supracitados, vale informar que o material categorizado como de cunho artístico diz respeito às indicações de filmes, séries, músicas, dentre outros, bem como de conteúdo produzido pelos próprios coletivos. No tangente à política geral, grande parte dos posts se concentra na crítica ao governo de Jair Bolsonaro (PL), em especial acerca da condução desastrosa das políticas de enfrentamento à pandemia da Covid-19. O conteúdo sobre raça, como o trecho a seguir, versa sobre celebrações do 20 de novembro (Dia da Consciência Negra, em alusão à morte de Zumbi dos Palmares), denúncias de racismo, discussões sobre especificidades da luta feminista negra, com críticas à forma como a própria historiografia feminista se construiu com silenciamento de experiências de mulheres negras: "Do momento em que passaram a ser aceitas no movimento feminista, poucas vezes assumiram papéis de protagonismo e sistematicamente assistiram suas lutas serem colocadas em segundo plano, diante das demandas diferentes das mulheres brancas" (Coletivo Geni, postagem de agosto de 2020). Rios e Maciel (2018), ao analisarem as fases do ativismo feminista negro brasileiro, já salientavam a importância das universitárias (por vezes, primeiras de suas famílias) na estruturação desses debates, que ganha ainda mais força pelas redes digitais na fase atual do movimento feminista negro (RODRIGUES e FREITAS, 2021).

Passemos agora aos dois pontos específicos desta análise. A literatura acadêmico-feminista brasileira há muito tem anunciado a **violência** como um dos grandes problemas enfrentados pelas mulheres. Suely de Almeida enunciava-a como uma violência "mal-dita" nos anos que precederam a

promulgação de sua lei de combate (11.340/06, Lei Maria da Penha): maldita pelo que provoca diretamente às mulheres, e também por ser tratada como um problema não público, recebendo nomenclaturas que reduzem os males causados – portanto também mal nomeada (briga de casal, crime passionai, dentre outros). Nos últimos anos, é perceptível que, dentre as pautas feministas, a violência foi o fenômeno que recebeu maior atenção de políticas públicas de enfrentamento, sobretudo nos governos de Lula e Dilma (PT). Contudo, seu combate enseja mudanças em arraigadas estruturas de opressão (YOUNG, 2000), que se expressam nas violências cotidianas e atingem também as formas de enfrentamento institucionais.

**Imagem 1:** Colagem de publicações sobre violência dos coletivos analisados



**Fonte:** Dados da pesquisa - coleta de corpus Instagram

A recorrência de tal tema não é surpreendente nas publicações dos coletivos, quando, a partir das entrevistas, tomamos conhecimento de que a experiência de articulação coletiva nasce, em quase todo o corpus que analisamos, a partir da denúncia ou do enfrentamento de violências, especialmente no cotidiano estudantil, conforme trecho de relato a seguir. Reis e Nathanson (2017), observando o feminismo online, também identificaram, em pesquisa sobre hashtags feministas, a violência como principal pauta deste repertório de atuação digital.

(...) a gente já recebeu assim denúncia das meninas dos cursos de agrárias, os professores vão com elas pro campo né, pras fazendas experimentais e chega lá os professores falam assim: “ah, você, você e você limpam enquanto o resto da sala assiste aula”. E coincidentemente todas as vezes esse “você, você, você” são mulheres e elas são privadas de assistir à aula porque você tem que limpar lá o que tá acontecendo. A gente tem denúncia também de professor que fala sobre castração em animais e compara com mulheres. (Coletivo 8, Paraná, 11.10.2020)

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.333>

As publicações analisadas no Instagram sobre violência alternam entre denunciar casos específicos, somar-se à cobrança de enfrentamento a casos de repercussão nacional (por exemplo, no ocorrido com Mariana Ferrer<sup>3</sup> e a atriz Duda Reis<sup>4</sup>) e prestar informações sobre a Lei Maria da Penha e os serviços de atendimento. Dada a época da coleta, muitos desses posts também refletiam sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no contexto da pandemia de Covid-19, problematizando o aumento das taxas de violência.

A necessidade de denunciar e informar sobre violência nas redes digitais de espaços criados por mulheres, em sua maioria jovens, deixa ainda mais evidente como a pauta não "desaparece" com as ondas, para usar o termo clássico. Trata-se de uma questão permanente no ativismo desde as históricas até as mais novas, atravessando movimentos como SOS Corpo, a atuação das ONGs e se espalhando também nos coletivos.

O segundo conjunto de postagens que discutimos se relaciona à forma como as **vertentes e teorias feministas** são enunciadas pelos coletivos na arena online. Especialmente os coletivos mobilizados em universidades e escolas de ensino médio têm nos grupos de estudos um germe de sua atuação, que as inspira a estruturar outras formas de agir.

(...) a gente foi crescendo e sentindo uma necessidade de desvincular, de ser somente um grupo de estudos pra realmente ser um coletivo e abarcar outras situações que muitas vezes acabam acontecendo de desamparo de mulheres dentro da [cita a universidade], alguns casos que a gente ficava sabendo e não nunca ia em nada né. A gente queria tá ali presente pra todas as mulheres, não só pra estudar, mas a gente continua estudando, mas pra outras ocasiões também que um grupo de estudos não abarcaria (Coletivo 5, São Paulo, 24.10.2020)

A relação entre o ativismo feminista e a produção de conhecimento nas universidades, em especial, sempre se deu em via de mão dupla na realidade brasileira. Uma retroalimentação entre teoria e prática é documentada em grande parte da historiografia, o que não significa dizer que essa interação se deu sem tensões. O feminismo acadêmico já foi acusado reiteradamente de estar distante das demandas "reais" das mulheres, com a cisão entre militantes e pesquisadoras, como documenta Sardenberg (2020). Não nos alongaremos neste debate, muito bem recuperado pela autora anteriormente mencionada, mas vale dizer que a política interna à produção de conhecimento em perspectiva feminista nunca foi deslocada ou

<sup>3</sup><https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/10/4954081-caso-mari-ferrer-justica-confirma-absolvicao-de-andre-aranha.html>. Acesso em 20.07.22.

<sup>4</sup><https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/18/duda-reis-diz-que-nego-do-borel-foi-indiciado-por-violencia-domestica.ghtml>. Acesso em 20.07.22.

menos importante que as travadas em outros espaços, como os de movimentos sociais. Ainda assim, a marcação dessa diferença se fazia presente.

**Imagem 2:** Colagem de publicações sobre vertentes e teorias feministas dos coletivos analisados



**Fonte:** Dados da pesquisa - coleta de corpus Instagram

No caso dos coletivos deste corpus, a mobilização de autoras, livros, conceitos ou mesmo a explicação sobre as vertentes feministas realiza uma aproximação entre a academia e a militância. Essa não é uma exclusividade do Instagram. A pesquisa de Martinez (2019) mapeia a organização por tais correntes a partir de grupos de Facebook e blogs feministas. As participantes dos coletivos entendem que páginas como as do Instagram podem ser úteis na popularização de conteúdo e conhecimento feministas, ampliando-o para além dos espaços acadêmicos.

Nosso perfil no Instagram tem funcionado como um veículo de divulgação e articulação com outras organizações e projetos sociais. Apesar do Coletivo atrair pessoas que estão atreladas ao ambiente universitário, acreditamos que é necessário a popularização do conhecimento, isto é, tentamos trazer o debate feminista para além do contexto acadêmico, compreendendo que o feminismo não é exclusividade de instituições ou pessoas com escolaridades determinadas (...) fazemos com que esse espaço de acolhimento e de formação chegue até as pessoas interessadas na criação de redes e de solidariedade política. Nosso conteúdo é organizado através de moderadoras voluntárias e com cargos rotativos, ou seja, as voluntárias podem sair desse núcleo quando julgarem necessário. (Coletivo 6, Goiás, 28.10.2020)

A exposição das leituras que informam a atuação de participantes do coletivo mostra uma face contemporânea deste ativismo, ao permitir o engajamento de seguidores/as, e uma interlocução com os conceitos apresentados. Autoras negras, como Djamila Ribeiro, Angela Davis e Chimamanda Adichie, são recorrentes, junto também de perspectivas marxistas, como as de Nancy Fraser, e dos debates pós-estruturalistas de Judith Butler. Essa espécie de formação teórica, não mediada por docentes e/ou pesquisadores/as, mas construída internamente aos coletivos, permite também uma reflexividade sobre a

trajetória das próprias participantes. Essa ampliação de perspectiva sobre o feminismo foi recorrente nos relatos de jovens cujo primeiro contato com as ideias feministas se deu via internet.

Eu acho que feminismo liberal ele é o primeiro que a gente tem contato né, quando você é mais nova e tals, as grandes páginas, Quebrando Tabu, etc e tal, abordam muito esse feminismo, então é um grande chamariz pro feminismo mas quando mais se você vai estudando você vê algumas, pelo menos eu enxerguei algumas incoerências e eu fui me aproximando mais do feminismo marxista e radical, então eu tô mais nesses dois lados. (Coletivo 4, São Paulo, 08.11.2020)

É possível observar, a partir da expressão digital dos coletivos feministas, com foco no Instagram, seus temas prioritários de atuação, as formas como se organizam enquanto coletivo (em todas as entrevistas, citados como lógicas colaborativas, sem hierarquias), bem como a alternância entre pautas mais clássicas do feminismo e a incorporação atualizada de elementos, como os de formação teórica.

### **Considerações finais**

A discussão expressa neste artigo concentrou-se nas agendas mais frequentemente mobilizadas pelos coletivos feministas brasileiros no Instagram a partir da análise temática das postagens, junto de uma compreensão sobre a utilização dessa plataforma a partir de um conjunto de entrevistas com as ativistas. Os resultados da análise apontam para a permanência, na arena digital, da mobilização de pautas clássicas, como o combate à violência contra a mulher, bem como para a preocupação de ancorar as postagens junto de indicação de leituras feministas, acadêmicas ou não.

Nestas considerações finais, gostaríamos de sinalizar alguns apontamentos críticos, já presentes na literatura, que pudemos observar a partir desta incursão empírica. O primeiro deles é o cuidado com o "novidadismo", expresso por Szwako et. al. (2020) e também por Marques e Marx (2020), a fim de que a configuração organizacional dos coletivos não seja interpretada em si mesma, mas à luz de trajetórias do feminismo e de outros movimentos, a fim de que não sejam "exacerbados certos elementos de discursos nativos evocados em contexto particular de crítica à política tradicional" (MARQUES e MARX, 2020, p. 22).

O segundo apontamento diz respeito, como sinalizam Perez e Ricoldi (2019, p. 13), aos coletivos que se colocam "discursivamente distantes do Estado". Entendemos que boa parte da atuação dos coletivos feministas se dá na crítica e em tentativas de transformação mais imediatas e cotidianas de socialização. Embora entendamos que a necessidade de pensar estratégias de conexão com a política institucional seja uma possibilidade, nos parece que entender esse distanciamento não apenas como uma

"fragilidade" dessas articulações é um caminho importante, dado que lutas contra a desigualdade de gênero são necessárias no interior de relações mais próximas. Há que se ter cautela, especialmente no momento atual, com a negação de estruturas da política institucional; também é necessário, contudo, compreender as redes cotidianas produzidas e transformadas pela atuação dos coletivos.

**Rayza Sarmiento**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9817-7941>

*Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Belém (PA), Brasil*

*Doutora em Ciência Política pela UFMG*

*E-mail: rayzasarmiento@gmail.com*

Recebido em: 28 de novembro de 2022.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2022.

#### **Referências:**

ADRIÃO, Karla; TONELI, Maria; MALUF, Sônia. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 3, p. 661-682, 2011.

ALMEIDA, Suely (Org.). **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.

BANET-WEISER, Sarah. **Empowered**. Popular feminism and popular misogyny. Durham: Duke University Press, 2018

CERVA CERNA, Daniela. Activismo feminista en las universidades mexicanas: la impronta política de las colectivas de estudiantes ante la violencia contra las mujeres. **Revista de la educación superior**, v. 49, n. 194, p. 137-157, 2020.

Valeria DALL'ORSO-SWAYNE, Francisco ARBAIZA. Instagram como plataforma de ciberativismo de influencers no-políticas a favor de movimientos feministas en Perú. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação**. 40, n.01, p.127-138, 2021.

GOHN, Maria Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. SP: Editora Vozes, 2014.

GARCÍA-GONZÁLEZ, Lidia Ángeles. Movimientos feministas en México: Prácticas comunicativas digitales y riesgos. **Virtualis**, v. 12, n. 23, p. 44-66, 2021.

GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana. Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro. **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 25-46, 2011.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A.; RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Coletivos negros e novas identidades raciais. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 309-327, 2020.

KELLER, Jessalynn; RINGROSE, Jessica. ‘But then feminism goes out the window!’: exploring teenage girls’ critical response to celebrity feminism. **Celebrity Studies**, v. 6, n. 1, p. 132-145, 2015.

LARRONDO, Marina Leonor; PONCE LARA, Camila. **Activismos feministas jóvenes en América Latina**. Dimensiones y perspectivas conceptuales. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2019.

MARQUES, Marcelo de Souza; MARX, Vanessa. Os coletivos em cena: algumas contribuições para o debate. **Simbiótica**. Vitória, ES. Vol. 7, n. 3 (jul./dez. 2020), p. 8-32, 2020.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 67-92, 2010.

PEREZ, Olívia C.; SILVA FILHO, Alberto LA. Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil. **Latitude**, v. 11, n. 1, 2017.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (**ALACIP**). 2019.

REIS, Josemira; NATANSOHN, Graciela. Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a Primavera Feminista brasileira. **Tríade**, v. 5, n. 10, p. 113-130, 2017.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS; Viviana. Ativismo feminista negro no Brasil. **RBCP**, n.34, 2021, p.1-54.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**. Brasília: Ed. ENAP, 2021.

SARDENBERG, Cecília. História e Memória do Feminismo Acadêmico no Brasil: O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher-NEIM/UFBA (1983-2020). **Revista Feminismos**, v. 8, n. 3, 2020.

SARMENTO, Rayza; SANTOS, Julia. Internet e coletivos feministas. In: MENDONÇA, Ricardo F. ; SARMENTO, Rayza. **Crise da democracia e esfera pública**. BH: ED. UFMG, 2023, no prelo.

SARMENTO, Rayza. Popularização do feminismo, neoliberalismo e discursos midiáticos. **Lumina**. v. 16, p. 166-183, 2022.

SARMENTO, Rayza. Ativismo feminista online: mapeando eixos de atuação. **Revista Sul-Americana De Ciência Política**. , v.7, p.19 - 37, 2021.

SELVA-RUIZ, David; CARO-CASTAÑO, Lucía. Uso de Instagram como medio de comunicación política por parte de los diputados españoles: la estrategia de humanización en la “vieja” y la “nueva” política”. **Profesional de la Información**. v. 26, p. 903-915, 2017.

SZWAKO, José; DOWBOR, Monika; ARAÚJO, Ramon. A produção de artigos acadêmicos sobre movimentos sociais publicados nos periódicos brasileiros (2000–2017): tendências e inovações. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 92, p. 1-22, 2020.

TARULLO, Raquel; SAMPIETRO, Agnese. “No es tu cuerpo. No es tu derecho”: El argumentario visual del movimiento provida argentino en Instagram. *Revista de Comunicación*, v. 21, n. 1, p. 411-431, 2022.

TARULLO, Raquel. La comunicación política en instagram: El caso de las diputadas soror@s en la Argentina. **Postdata**, v. 26, n. 1, p. 232-256, 2021.

YOUNG, Iris. (2000), **Inclusion and democracy**.Oxford, Oxford University Press.

## Resumo

Esta pesquisa se volta à comunicação digital de grupos feministas brasileiros autodenominados de “coletivos/as”. Analisamos posts de 54 páginas desses grupos no Instagram. Mobilizamos ainda entrevistas feitas com 30 jovens feministas de coletivos estudantis, a fim de compreender suas relações com consumo e produção de conteúdo feminista digital. Nossos resultados apontam para a diversidade de temas nas páginas dos coletivos, ganhando relevância a preocupação de ancorar as postagens junto de indicação de leituras feministas, acadêmicas ou não. Pautas como violência, aborto e debates sobre expressões corporais e suas resistências também se mostram proeminentes. As entrevistas e a análise do conteúdo digital revelam como a construção do

ativismo e do entendimento sobre os feminismos, especialmente por mulheres jovens, são atravessados pelo conhecimento e informações partilhados online.

**Palavras-chave:** Feminismos. Coletivos. Instagram.

### Abstract

This research focuses on the digital communication of Brazilian feminist groups called “coletivos/as”. We analyzed posts from 54 pages of these groups on Instagram. We also mobilized interviews with 30 young feminists from student collectives, in order to understand their relationships with consumption and production of digital feminist content. Our results point to the diversity of themes on the pages of the collectives, with the concern to anchor the posts with indications of feminist readings, academic or not, gaining relevance. Agendas such as violence, abortion and debates about bodily expressions and their resistance are also prominent. The interviews and analysis of the digital content reveal how the construction of activism and understanding about feminisms, especially by young women, is crossed by knowledge and information shared online.

**Keywords:** Feminisms. Collective. Instagram.

### Resumen

Esta investigación se centra en la comunicación digital de los grupos feministas brasileños denominados “coletivos/as”. Analizamos publicaciones de 54 páginas de estos grupos en Instagram. También movilizamos entrevistas con 30 jóvenes feministas de colectivos estudiantiles, para comprender sus relaciones con el consumo y la producción de contenido feminista digital. Nuestros resultados apuntan a la diversidad de temáticas en las páginas de los colectivos, ganando relevancia la preocupación por anclar los posts con indicaciones de lecturas feministas, académicas o no. También destacan agendas como la violencia, el aborto y los debates sobre las expresiones corporales y su resistencia. Las entrevistas y el análisis del contenido digital revelan cómo la construcción del activismo y la comprensión sobre los feminismos, especialmente por parte de las mujeres jóvenes, se ve atravesada por el conocimiento y la información compartida en la red.

**Palabras clave:** Feminismos. Colectivos. Instagram.

*Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.*